

O ORADOR E O POETA: CÍCERO EM DEFESA DE LICÍNIO ÁRQUIAS

Michele Eduarda Brasil de Sá (UnB/UFRJ)ⁱ

RESUMO

O presente trabalho versa sobre o discurso de Marco Túlio Cícero em defesa do poeta grego Licínio Árquias, costumeiramente citada apenas como *Pro Archia*. Trata-se de um de seus discursos mais estudados, não por razões políticas, mas pela sua construção estética, provando-se uma verdadeira defesa das artes, ou antes uma defesa das letras, tendo elas mesmas como instrumento.

Palavras-chave: Oratória; Cícero; *Pro Archia*.

ABSTRACT

This work is about the speech of Marcus Tullius Cicero in defense of the Greek poet Licinius Arquias, usually cited simply as the *Pro Archia*. This is one of his most studied speeches, not for political reasons, but for its aesthetic construction, proving itself a true defense of arts, or rather a defense of literature, having them as instruments.

Keywords: Oratory; Cicero; *Pro Archia*.

“[...] trahimur omnes studio laudis, et optimus quisque maxime gloria ducitur.”ⁱⁱ

(Cic., *Pro Arch.*, XI, 26)

O nome de Marco Túlio Cícero é geralmente lembrado por seus acalorados discursos. Seja para desmascarar o “adversário da república”, Lúcio Catilina, seja para denunciar as fraudes de Verres na Sicília, seja para fazer o elogio de Pompeu ou de César, seja para atacar Marco Antonio através das *Filípicas*, Cícero oferece o seu talento de orador lapidado ao longo da carreira política, sem prejuízo dela. A importância da oratória ciceroniana é sempre referida nos livros de literatura latina, pelos motivos que se pode ver bem descritos por Haroldo Redondo (1978, p. 341):

Cicerón es la oratoria romana. Sin él, apenas podrían enhebrarse unas líneas sobre esta parcela de la literatura latina. Pues no sólo nos faltaría el material eminente e impar de sus discursos, sino también la doctrina básica, los fundamentos teóricos de la elocuencia; y la mayor parte de las noticias sobre los oradores que le precedieron; y apenas existiría la oratoria posterior a él ni las obras teóricas que la fundamentan, pues una y otras, por seguimiento admirativo

o por reacción contrapuesta, dependen umbilicalmente de la oratoria ciceroniana.ⁱⁱⁱ

Diz-se que seu talento de orador foi trabalhado ao longo da carreira política, sem prejuízo dela, porque, de fato, as duas trajetórias não poderiam estar separadas. Se assim não fora, como apreciar as *Catilinárias*, por exemplo, desde o exórdio *ex abrupto* da primeira até o apelo aos *patres conscripti* na peroração da quarta, sem levarmos em conta o consulado de Cícero, suas convicções acerca da *res publica*, e a maneira como ele se dizia devotado à sua pátria, acima de qualquer suspeita (HOWATSON, 1989, p. 133)? Como dissociarmos, por exemplo, aquilo que ele defendia como deveres consulares de seu ataque a Marco Antônio, através das *Filípicas* – que lhe renderam a morte?

Um de seus discursos recebe destaque, embora não tenha grande projeção política. Proferido em 62 a.C., já no fim da carreira do Arpinate, o discurso em favor do poeta Árquias é um dos mais conhecidos de Cícero, embora seja diferente dos seus outros discursos em alguns aspectos: trata-se de um discurso que faz o elogio das letras, especialmente da poesia (REDONDO, 1978, p. 351).

Por causa da lei Pápia, que condenava ao exílio todo estrangeiro que gozasse indevidamente de direitos de cidadão romano, o poeta grego Aulo Licínio Árquias foi processado por um homem chamado Grácio ou Graco (*Gratius*). Ora, Árquias tinha alguns amigos poderosos (alguns elencados no *Pro Archia*), incluindo o próprio Cícero. Félix Gaffiot (1989, p. 14), em sua “Introdução” à edição bilíngue do *Pro Archia* da Sociéte d’Éditions Les Belles Lettres, diz que “o *Pro Archia* é na verdade um *Pro Cicerone*”.

Gaffiot também escreve que a parte mais importante do discurso *Pro Archia* está no que se considera a confirmação de ordem extrajurídica; assim sendo, Cícero não dá à discussão sobre a existência ou não do direito de cidadania romana do poeta o mesmo nível – ou pelo menos a mesma importância – que dá aos argumentos que ele desenvolve em um plano relacionado aos estudos, ao talento e ao uso da arte (1989, p. 18-22). Gaffiot (apud SÁ, 2002, p. 17) assim divide esta seção:

1. Os estudos de maneira geral – Mesmo não sendo capazes de nos entregarmos a tais estudos, devemos admirá-los em outros (referindo-se diretamente a Árquias e, indiretamente, ao próprio Cícero).
2. O talento de Árquias – Grande poeta e improvisador, deveria ser, como todos os poetas, considerado sagrado. Muitas cidades disputavam entre si a fama

de terem sido a pátria de Homero, por exemplo. Se assim estas cidades o faziam após sua morte, não seria razoável que os romanos rejeitassem Árquias, muito menos sendo ele ainda vivo.

3. Árquias emprega seu talento ao louvor das glórias de Roma – Quando Árquias celebra Luculo por seu desempenho na guerra contra Mitrídates, por exemplo, ao mesmo tempo celebra Roma e suas vitórias. Ora, Ênio tinha recebido o título de cidadão romano por ter glorificado Roma através dos nomes de Catão, de Marcelo, de Fúlvio, entre outros.

4. O poeta, ao cantar a glória de Roma, serve de estímulo para os que por ela lutam.

5. O amor pela glória e pela fama reside nos corações de todos os homens – O desejo da fama é, na verdade, o desejo da imortalidade.

Os motivos sobre os quais comumente se diz que levaram Cícero a defender a causa do poeta grego são os “favores políticos” que ele esperava obter não do próprio Árquias, mas talvez de algum de seus patrocinadores. Outra razão mencionada frequentemente é o desejo de Cícero de ter um poema que registrasse os seus feitos e o eternizasse. Soma-se a isto o fato de Cícero desejar candidatar-se novamente ao consulado (GAFFIOT apud SÁ, 2002, p. 15). Embora estas razões sejam apenas conjecturas, são bastante verossímeis. O embate não seria árduo: supõe-se que Cícero detinha a simpatia de grande parte dos que faziam parte do júri (passara-se apenas um ano da derrota de Catilina). Os outros presentes eram, segundo se crê, amigos de Árquias em sua maioria. O orador não precisaria se esmerar tanto, diante de tal audiência, *ad benevolentiam captandam*.

Daí a “novidade”: Cícero faz a ressalva de não estar seguindo o modelo esperado de discurso. A questão é nova, os ouvintes são homens muito letrados (*hominum litteratissimorum*) e o réu não está afeito aos juízos e às intrigas do foro:

[...] quaeso a vobis, ut in hac causa mihi detis hanc veniam, adcommodatam huic reo, [...] ut me pro summo poeta atque eruditissimo homine dicentem, hoc concursu hominum literatissimorum, [...] patiamini de studiis humanitatis ac litterarum paulo loqui liberius, et [...] uti prope novo quodam et inusitato genere dicendi. (CÍCERO, *Pro Arch.*, II, 3)

Peço a vós que nesta causa me deis este favor, conformado a este réu, para que eu fale em favor de um grande poeta e homem de grande erudição, neste ajuntamento de homens muito letrados, que tolereis que eu falo com um pouco mais de liberdade sobre os estudos da humanidade e das letras, e use de um certo gênero de discursar quase novo e inusitado.

Quotiens ego hunc Archiam vidi, iudices, -- utar enim vestra benignitate, quoniam me in hoc novo genere dicendi tam diligenter attenditis -- , quotiens

ego hunc vidi, cum litteram scripsisset nullam, magnum numerum optimorum versuum [...] dicere ex tempore! (CÍCERO, *Pro Arch.*, VIII, 18)

Quantas vezes eu vi Árquias, ó juízes – usarei de vossa benignidade, porque neste novo gênero de discursar tão diligentemente me ouvis –, quantas vezes eu o vi improvisar um grande número de ótimos versos, sem ter escrito uma linha!

As duas palavras utilizadas por Cícero são *poeta* e *scriptor* (SERAFIM, 2009, p. 245), traduzidas comumente pelos seus correspondentes imediatos – “poeta” e “escritor”. Embora seja óbvio dizer que não há sinônimos perfeitos, uma vez que cada palavra tem origem e uso próprios, neste contexto uma e outra possuem o mesmo sentido. O *status* do poeta, no mundo antigo, encontra-se presente na noção de *poeta uates*, em que o sagrado e o humano convergem na manutenção da memória através do canto e da escrita (cf. palavra *carmen*, que significa “verso”, “poema”, e também “fórmula mágica”, “vaticínio”, “palavra religiosa”).

A fim de defender um poeta, Cícero invoca os nomes de outros poetas, com os quais ele espera convencer seus espectadores. Entre os romanos, Quinto Ênio é citado, não apenas pela sua importância para as letras latinas, mas também pela qualidade que Cícero atribui aos poetas (*sanctos*, dentro da noção de *poeta uates* dos antigos romanos):

[...] noster ille Ennius sanctos appellat poetas, quod quasi deorum aliquo dono atque munere commendati nobis esse videantur. Sit igitur, iudices, sanctum apud vos, humanissimos homines, hoc poetae nomen [...]. (CÍCERO, *Pro Arch.*, VIII, 18-19)

Aquele nosso Ênio chama aos poetas sagrados, pois parecem ter sido confiados a nós como algum dom ou prêmio dos deuses. Portanto seja sagrado diante de vós, ó juízes, homens muito instruídos, este nome de poeta.

Mas Ênio não é o único poeta reconhecido a ser colocado por Cícero nesta, em última análise, “defesa das artes”. Homero, considerado por muitos o maior poeta grego, também é citado no discurso. Trata-se de um modelo indiscutível, por si só elucidativo e que confere autoridade à palavra do orador.

Homerum Colophonii civem esse dicunt suum, Chii suum vindicant, Salaminii repetunt, Smyrnaei vero suum esse confirmant, [...] permulti alii praeterea pugnant inter se atque contendunt. Ergo illi alienum, quia poeta fuit, post mortem etiam expetunt: nos hunc vivum, qui et voluntate et legibus noster est, repudiabimus? (CÍCERO, *Pro Arch.*, VIII-IX, 19)

Os habitantes de Colofão o declaram seu cidadão, os de Quio o reivindicam, os de Salamina o reclamam, os de Esmirna confirmam que ele é seu, muitos outros ainda lutam entre si e disputam. Pois bem: eles cobiçam um estrangeiro, mesmo após a morte, porque foi poeta; nós repudiaremos este poeta vivo, que pela vontade e pelas leis é nosso?

Atque is [Alexander] tamen, cum in Sigeo ad Achillis tumulum astitisset: "O fortunate" inquit "adulescens, qui tuae virtutis Homerum praeconem inveneris!" Et vere. Nam nisi Illias illa exstitisset, idem tumulus, qui corpus eius contexerat, nomen etiam obruisset. (CÍCERO, *Pro Arch.*, X, 24)

Contudo ele [Alexandre], quando estava em Sigeu, junto ao túmulo de Aquiles, disse: "Ó jovem afortunado, pois que encontraste em Homero um apregoador de tua virtude!" E de fato. Na verdade, se aquela Ilíada não tivesse existido, o mesmo túmulo que continha o corpo dele também esconderia seu nome.

Talvez fique a impressão, aos ouvintes e aos leitores do discurso, que o peso da *auctoritas* de Ênio e Homero seja um grande exagero da parte de Cícero. Ele vai ao outro extremo: partindo do pressuposto de que todos os poetas são dignos de prêmios – mesmo aqueles cujo talento não seja tão admirável, ou até mesmo posto em dúvida –, Cícero traz à memória de seus interlocutores um episódio envolvendo Sila e um poeta medíocre da plebe, que recebeu um presente por versos mal escritos em honra do ditador, sob o juramento de nunca mais escrever nada:

Qui sedulitatem mali poetae duxerit aliquo tamen praemio dignam, huius ingenium et virtutem in scribendo et copiam non expetisset?
(CÍCERO, *Pro Arch.*, X, 25)

Aquele que, porém, julgou o empenho de um mau poeta digno de algum prêmio, não reclamaria o talento e a virtude e a abundância em escrever deste poeta?

Neste sentido, para o caráter pragmático dos romanos, o poeta tem o seu ofício e através dele a glória dos *optimates* é eternizada e, em decorrência disso, a própria glória de Roma. Seguindo este raciocínio, isto faz do poeta uma espécie de "herói nacional". Licínio Árquias torna-se ele mesmo um dos modelos, como Ênio e Homero, sua fonte de *auctoritas* (cf. "autoridade", "autor", palavras originadas de *augeo*, *auctum*, que quer dizer "produzir", "fazer crescer", e também "glorificar", "elevar em honra"). Além disso, ao reconhecer e elevar o talento de Árquias como poeta, Cícero na verdade busca elevar seus próprios feitos – caso se considere que o poeta grego realmente escrevesse um poema que os contasse.

At iis laudibus certe non solum ipse qui laudatur, sed etiam populi Romani nomen ornatur. In caelum [...] Cato tollitur: magnus honos populi Romani rebus adiungitur. Omnes denique illi Maximi, Marcelli, Fulvii, non sine communi omnium nostrum laude decorantur. (CÍCERO, *Pro Arch.*, IX, 22)

Mas com estes louvores certamente não apenas aquele que é elogiado, mas também o nome do povo Romano é honrado. Catão é levado ao céu: grande honra acrescenta aos feitos do povo romano. Enfim, todos aqueles Máximos, Marcelos, Fúlvios não são exaltados sem o louvor comum a todos nós.

Existe algo de que todos compartilham: o fruto do cantar do poeta. Mais do que isto, os *optimates*, que também são instruídos – e Cícero não deixaria de reconhecer isto – e amantes das letras, são conduzidos a enxergar no réu um “parente” seu. Cícero usa o termo *cognatio* (que significa mais que “afinidade”: significa “parentesco por consanguinidade”) para referir-se aos laços que ligam as artes que pertencem à cultura do homem:

Etenim omnes artes, quae ad humanitatem pertinent, habent quoddam commune vinculum, et quasi cognatione quadam inter se continentur. (CÍCERO, *Pro Arch.*, I, 2)

Pois todas as artes que pertencem à humanidade têm entre si um vínculo comum, e sustentam-se entre si com uma espécie de parentesco.

Tal relação intrínseca possibilita ao orador ser grato ao poeta. O ócio (sempre produtivo, na mundividência greco-romana) é útil à sua profissão. A poesia é prazer. Sagrada, sim; por isso, reservada aos iniciados, aos que receberam o dom. Contudo, partilhada e estimulada com os que por ela se interessam. O próprio Cícero confessa que escreveu alguma poesia. Foi a oratória e não a poesia que lhe deu a fama, mas ele dá testemunho de nela ter se exercitado:

An tu existimas aut suppetere nobis posse, quod cotidie dicamus in tanta varietate rerum, nisi animos nostros doctrina excolamus, aut ferre animos tantam posse contentionem, nisi eos doctrina eadem relaxemus? Ego vero fateor me his studiis esse deditum [...]. (CÍCERO, *Pro Arch.*, VI, 12)

Acaso tu julgas que o que dizemos todos os dias pode bastar-nos, em tal variedade de coisas, se não cultivarmos nossos espíritos com o estudo; ou que nossos espíritos podem suportar tal contenção, se não os aliviarmos com estes mesmos estudos? Quanto a mim, confesso que a eles me tenho dedicado.

Enfim, a título de conclusão, citamos do *Pro Archia* um trecho que resume a importância das letras segundo Cícero, pondo a retórica em defesa do poeta e da poesia, e que mesmo hoje bem se contextualiza, em um momento em que tanto os estudos clássicos quanto os estudos na área de Letras em geral se voltam para o papel do profissional (aquele que faz do curso de Letras o seu *negotium*) e o papel do artista (que lê, escreve e estuda pelo *otium*, ou seja, pelo prazer estético que daí retira):

Sed pleni omnes sunt libri, plenae sapientium voces, plena exemplorum vetustas: quae iacerent in tenebris omnia, nisi litterarum lumen accederet. Quam multas nobis imagines--non solum ad intuendum, verum etiam ad imitandum--fortissimorum virorum expressas scriptores et Graeci et Latini reliquerunt? (CÍCERO, *Pro Arch.*, VI, 14)

Mas cheios estão todos os livros, cheias todas as vozes dos sábios, cheia a antiguidade de exemplos: coisas que jazeriam todas nas trevas, se a luz das letras não as expusesse. Quantas imagens de homens valorosos os escritores, tanto gregos quanto latinos, deixaram contadas para nós – não apenas para contemplá-las, mas também para imitá-las?

Lumen litterarum, a “luz das letras”: ela é o verdadeiro objeto da proteção de Cícero, pois através dela a pátria Roma, o poeta Árchias, os *optimates* e o próprio orador se veem defendidos e glorificados. Nela o pragmático e o estético se unem para nutrirem um ao outro. Nela se perpetuam as dissertações, as teses, os artigos, bem como os romances, os poemas, os contos. Luz que nem sempre é luz, é lançada sobre aquilo que o orador – ou o poeta – escolhe. Cícero elogia e defende esta luz, sobretudo porque ela é a imagem mesma do talento do escritor, seja *poeta* ou *scriptor*, seja Licínio Árchias ou o próprio Cícero. De fato, não é sem motivo que se diz que o *Pro Archia* é um verdadeiro *Pro Cicerone*.

Referências

CICÉRON. *Discours*: Pour le poète Archias. Texte établi et traduit par Félix Gaffiot. 5^{ème} tirage revu, augmenté et corrigé par Philippe Moreau. Paris: Société d'Éditions Les Belles Lettres, 1989, v.12.

HOWATSON, M.C. (ed.). *The Oxford Companion to Classical Literature*. 2. ed. London: Oxford University Press, 1989.

MARTIN, R.; GAILLARD, J. *Les genres littéraires à Rome*. Tome I e II. Paris: Scodel, 1981.

REDONDO, A. H. La oratoria romana. In: *Estudios Clásicos*. n. 81-82. Madrid: Córdor, 1978. p. 341-360.

SÁ, M. E. B. *As orações relativas no Pro Archia de Cícero*. 2002. 77 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

SERAFIM, J. F. *Traduções portuguesas do Pro Archia de Cícero*. 2009. 542 f. Tese (Doutorado em Literatura) Faculdade de Letras, Universidade de Aveiro, Portugal, 2009.

ⁱ Doutora em Letras Clássicas – UFRJ. Professora da Faculdade de Letras da UFRJ em lotação provisória na UnB. Endereço eletrônico: michelebrasil@unb.br.

ⁱⁱ “Todos somos atraídos pelo desejo de elogio, e mesmo um homem bom é conduzido sobretudo pela glória.” (tradução nossa).

ⁱⁱⁱ “Cícero é a oratória romana. Sem ele, apenas poderiam desfiar-se algumas linhas sobre esta parcela da literatura latina. Pois não apenas nos faltaria o material eminente e ímpar de seus discursos, mas também a doutrina básica, os fundamentos teóricos da eloquência; e a maior parte das informações sobre os oradores que o precederam; e quase não existiria a oratória posterior a ele nem as obras teóricas que a fundamentam, pois uma e outras, por continuação admirativa ou por reação opositiva, dependem umbilicalmente da oratória ciceroniana.” (tradução nossa)